

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Kerem Hasan direção musical
Rui Lopes fagote

10 mai 2024 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MEGENAS CASA DA MÚSICA





Entrevista ao maestro Kerem Hasan

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESEMIOTIC
RESEARCH AND
EVALUATION OF
SOUNDSCAPES

REMA
RESEARCH AND
EVALUATION OF
MUSIC AND
ARTS

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

Carl Maria von Weber

Abertura da ópera *O Franco-Atirador* (1820; c.10min)

Concerto para fagote e orquestra em Fá maior, op. 75 (1811, rev.1822; c.18min)

1. Allegro ma non troppo
2. Adagio
3. Rondo. Allegro

2ª PARTE

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 6 em Fá maior, op. 68, "Pastoral" (1808; c.45min)

1. Despertar de sentimentos alegres ao chegar ao campo. Allegro ma non troppo
2. Cena à beira de um ribeiro. Andante molto mosso
3. Alegre reunião de camponeses. Allegro —
4. Temporal, tempestade. Allegro —
5. Canto pastoral: sentimentos de alegria e gratidão após a tempestade. Allegretto

Carl Maria von Weber

EUTIN, 1786 – LONDRES, 1826

Abertura da ópera *O Franco-Atirador*

Os pais de Carl Maria von Weber tinham um teatro ambulante, de modo que ele cresceu a ouvir música tradicional alemã. Consequentemente, toda a sua actividade profissional se desenrolou em torno da ópera e do teatro musical: desde o posto de mestre de capela do Teatro de Breslau, que obteve em 1804, com 18 anos de idade, até ao de director musical da Ópera Alemã de Dresden, cargo que exerceu durante os últimos nove anos da sua vida, de 1817 a 1826, passando pela direcção musical do Teatro de Ópera de Praga, entre 1813 e 1816.

Composta entre 1817 e 1820 e estreada em Berlim a 18 de Junho de 1821, sob a direcção do compositor, *Der Freischütz* é a primeira ópera oitocentista a alcançar o estatuto de emblema nacional. O libreto, da autoria de Johann Friedrich Kind, é baseado numa colecção de histórias fantásticas escritas por Johann August Apel e Friedrich Launé, e publicadas em 1810. O enredo gira em torno de Max, um guarda-florestal, que induzido por Caspar, outro guarda-florestal, fez um pacto com Samiel, o Caçador Negro, dotado de poderes diabólicos, para lograr ganhar um concurso de tiro e assim obter a mão de Agathe, a sua amada. O encontro entre Samiel e Max ocorre em casa daquele, na Garganta do Lobo, nas profundezas da floresta. Samiel dá a Max sete balas mágicas que irão acertar no alvo pretendido. Esquece-se, porém, de lhe dizer que a sétima bala está enfeitiçada para acertar no alvo escolhido por Samiel. Depois de ganhar o concurso de tiro com as seis balas mágicas, Max dispara a última apontando para uma pomba branca que pousou num ramo. Agathe tem uma premonição, solta um grito

assustado e desmaia logo a seguir. Samiel tinha encaminhado a bala para acertar em Caspar, que estava escondido atrás da árvore, matando-o. Max confessa o seu erro, é perdoado e casa com Agathe.

É justamente a inclusão de elementos incontornáveis do Romantismo literário alemão (tais como a floresta, o caçador, o diabo e a magia), aliados a elementos musicais típicos do *singspiel* germânico e da *opéra comique* francesa (como os diálogos falados, os números curtos e as melodias que emulam a música tradicional alemã), que faz de *Der Freischütz* um marco no repertório operático germânico. Weber transformou a abertura num resumo instrumental de toda a trama da obra. Mas, ao invés de escrever um *pot-pourri* dos principais temas, utilizou a forma sonata para criar um trecho com significado dramático. A abertura começa com um *adagio* expressivo que caracteriza o cenário onde a acção se vai desenrolar: a floresta. O tema inicial está relacionado com a ária de Max do Acto I; é um trecho sombrio que espelha a agitação e preocupação do protagonista da ópera. Já o segundo tema é retirado da ária de Agathe, do Quadro I do Acto II, onde ela expressa a sua alegria pelo futuro radioso que a espera. A ponte entre os dois temas principais é desenhada sobre a música sinistra que descreve a Garganta do Lobo, onde Samiel faz a sua magia com as balas.

Concerto para fagote e orquestra em Fá maior, op. 75

Em 1811, Carl Maria von Weber viajou para Munique com o propósito de se apresentar à corte do reino da Baviera como compositor. Na orquestra da corte bávara tocava o clarinetista Henrich Bärmann, um *virtuose*, para quem Weber compôs o Concertino op. 26. O sucesso

Ludwig van Beethoven

BONA, 1770 – VIENA, 1827

Sinfonia n.º 6 em Fá maior, op. 68, “Pastoral”

Nos esboços daquela que viria a ser a sua Sexta Sinfonia, Ludwig van Beethoven deixou escritas frases desconexas, como:

“É deixado ao ouvinte descobrir por si mesmo as situações.”

“Uma Sinfonia Característica — ou lembrança da vida campestre.”

“Tudo pintura sonora, se for forçado de mais em música instrumental, perde o valor.”

“*Sinfonia Pastorella*. Quem quer que tenha a mínima ideia da vida campestre pode entender quais são as intenções do autor sem um punhado de títulos descritivos.”

“Qualquer pessoa reconhecerá também, sem descrição, que toda a obra é mais matéria de sentimento do que de pintura sonora.”

A sinfonia foi escrita em 1808, imediatamente após a conclusão da Quinta, e com esta conjuntamente estreada em 22 de Dezembro desse ano no Theater an der Wien. O anúncio publicado no *Wiener Zeitung* indica para ela o título “Uma Recordação da Vida no Campo”, entretanto abandonado. A estrutura externa da sinfonia segue a ordem de andamentos habitual no período clássico, com uma exceção: existe um andamento extra (IV) que essencialmente funciona como transição entre o “Scherzo” (III) e o “Finale” (V). A obra implica, contudo, associações extramusicais pretendidas claramente pelo compositor, que intitulou cada andamento com referências peculiares: I. “Despertar de sentimentos alegres ao chegar ao campo”; II. “Cena à beira de um ribeiro”; III. “Alegre reunião de camponeses”;

desta obra foi tal que, de imediato, outros instrumentistas da orquestra pediram a Weber obras para os seus instrumentos. Foi o caso do fagotista Georg Friedrich Brandt, para quem compôs o Concerto para fagote em Fá maior, op. 75, que vai ser interpretado esta noite. Escrita em três dias, a obra foi estreada no Hoftheater de Munique a 28 de Dezembro de 1811, por Brandt. No entanto, só foi publicada em 1824, em Berlim, pela editora Schlesinger, dois anos depois de sofrer uma revisão.

Destinado a uma orquestra com madeiras e metais aos pares — flautas, oboés, fagotes, trompas e trompetes —, timbales e cordas, o Concerto faz sobressair a grande versatilidade técnica e expressiva do fagote. O “Allegro ma non troppo” inicial, na forma sonata, expõe dois temas, ambos apresentados pela orquestra numa longa introdução: o primeiro enérgico e decidido, caracterizado pela utilização de ritmos pontuados, pelo *tutti*; o segundo mais lírico e *cantabile* (na partitura está indicado *dolce*), pelos primeiros violinos. São os timbales que anunciam a entrada do solista que vai interpretar os dois temas. O desenvolvimento centra-se essencialmente no tema enérgico com o fagote a alternar entre os registos graves e agudos. No “Adagio”, Weber escreve uma belíssima melodia que permite ao fagote mostrar toda a sua capacidade expressiva. Atente-se no ambiente melancólico que emana da curta secção central onde o solista é acompanhado apenas pelas trompas (o único instrumento de sopro utilizado neste segundo andamento). O Concerto termina com um “Allegro” na forma rondó. Cabe ao solista apresentar o tema recorrente, um trecho bem-disposto e brincalhão (a partitura tem a indicação *scherzando*) que faz emergir a faceta cómica e humorística do fagote.

ANA MARIA LIBERAL, 2023/2024*

IV. “Temporal, tempestade”; V. “Canto pastoral: sentimentos de alegria e gratidão após a tempestade”.

Tal como as anotações de Beethoven permitem ajuizar, as sugestões extramusicais restringem-se à evocação de impressões campestres, sublinhada por alguns detalhes musicais de teor mais pictórico ou textural: o murmúrio de um ribeiro, a música dos camponeses, o canto de pássaros, uma tempestade. Nesse sentido, a “Pastoral” está portanto também longe de poder representar uma sinfonia programática. Não o sendo, a obra foi no entanto um antecedente fundamental para os desenvolvimentos posteriores nesse sentido, não só pelas sugestões imagéticas e emocionais, mas sobretudo por convidar a uma ligação narrativa implícita desde o andamento em que se retrata o convívio dos camponeses até ao final. De resto, já a Quinta Sinfonia tinha dado a espreitar uma possibilidade semelhante através da engenhosa e arrebatadora transição para o triunfante quarto andamento. Aqui reside possivelmente a semente a partir da qual se desenvolveria tanto uma visão quase programática da sinfonia (com Berlioz a poucos anos de escrever a *Sinfonia Fantástica*), como a tradição de deslocar o centro de gravidade emocional da sinfonia romântica para o final, que Mahler soube exemplificar de forma tão consistente.

Uma outra característica distintiva desta sinfonia em relação ao restante cânone beethoveniano é especialmente notória nos andamentos inicial e final: Beethoven logra um efeito evocativo discreto mas essencial através da repetição desapressada e prolongada de motivos serenos (como que mimetizando as repetições cíclicas da natureza), de tal forma que providencia uma superfície estática, focando a atenção do ouvinte em variações de harmonia,

textura e colorido tímbrico. A tudo isto acresce, no primeiro andamento, o contributo de muitas notas pedais e de uma secção de desenvolvimento sem grandes tensões harmónicas. No segundo andamento, o ribeiro é retratado de forma simples e elegante na figuração de acompanhamento, por cima da qual a melodia dificilmente poderia ser mais depurada. Na coda, flauta, oboé e clarinete juntam-se fazendo delicadas imitações do canto de pássaros, que o compositor discrimina na partitura: rouxinol, codorniz e cuco. O terceiro andamento espelha música dançante de carácter popular, incluindo ainda alguns sedutores detalhes de diálogo entre as madeiras. A tempestade chega depois de uma introdução que se camufla com a do andamento anterior. O efeito da orquestração é devastador: em compensação da serenidade inicial da sinfonia, na tempestade entram pela primeira vez os trombones e o flautim, enquanto os tímpanos sublinham o drama e a intensidade sonora de uma violenta tempestade, reforçados por efeitos de *tremolo* de arco nos naipes de cordas, golpes de unísono orquestral furiosamente exclamados em catadupa, linhas cromáticas a varrer a textura... até que, em breve, chega o último andamento. Nesse instante, quase podemos ver a paisagem clarear através da harmonia mais perfeitamente adequada ao cenário, que se abre para dar lugar a um tema (com expressão aparentada à do tema inicial do primeiro andamento), sujeito a variações sucessivamente mais luminosas que conduzirão a peça ao seu termo. Sem sombras de tempestade — apenas em comunhão com o pulsar do tempo.

PEDRO ALMEIDA, 2015*

* Os autores não aplicam o Acordo Ortográfico de 1990.

Kerem Hasan direção musical

Kerem Hasan é considerado um dos mais interessantes jovens maestros britânicos. Ter vencido o Prémio Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors no verão de 2017 permitiu-lhe conquistar uma carreira internacional cada vez mais bem-sucedida. Antes disso, tinha já despertado atenções enquanto finalista do Prémio de Direção Donatella Flick, em Londres, e como maestro associado da Ópera Nacional Galesa. De setembro de 2019 a junho de 2023, foi maestro principal da Orquestra Sinfónica Tirolense em Innsbruck (Áustria), com grande sucesso.

Entre os momentos principais da temporada 2023/24 estão compromissos, na qualidade de convidado, com a Filarmónica da BBC, a Filarmónica de Dresden, a Sinfónica SWR e a Filarmónica de Turku. Dirige pela primeira vez a Orquestra Sinfónica de Trondheim, a Kymi Sinfonietta, a Orquestra Phion, a Orquestra de Concertos RTÉ e a Collegium Musicum de Basileia. Do outro lado do Atlântico, Kerem Hasan estreia-se na direção da Orquestra Sinfónica de Edmonton. Regressa à Sinfónica de Bournemouth, à Sinfónica MDR, à Noord Nederlands Orkest, à Orquestra da Rádio Nacional Romena e à Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. No domínio operático, sobe ao pódio numa nova produção de *La Rondine* na Opera North.

Dos seus sucessos mais recentes, destaque para apresentações de ópera na English National Opera (*Carmen*, *Così*), em Glyndebourne (*A Flauta Mágica*), no Glyndebourne on Tour (*The Rake's Progress*), na Ópera Nacional Galesa (*La forza del destino*) e no Teatro Estatal Tirolês (*Sansão e Dalila*, *Rigoletto*, *The Rape of Lucretia*, *La Traviata*). Trabalhou com a Orquestra do Concertgebouw, a Sinfónica e a Filarmónica de Londres, a Royal Philharmonic

Orchestra, a Sinfónica da Rádio ORF de Viena, a Sinfónica Nacional Finlandesa, a Filarmónica de Tampere, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica do Teatro La Fenice, a Sinfónica de Toronto e a Sinfónica Yomiuri Nippon. No verão de 2022, pisou pela primeira vez o palco nos Estados Unidos da América, à frente da Sinfónica de Detroit, da Sinfónica de Utah e da Orquestra do Minesota.

Kerem Hasan frequentou masterclasses com David Zinman, Edo de Waart, Gianandrea Noseda e Esa-Pekka Salonen. Ganhou depois experiência ao tornar-se assistente do seu mentor, Bernard Haitink, na Sinfónica de Chicago, na Orquestra do Concertgebouw e na Sinfónica da Rádio da Baviera.

No verão de 2016, Hasan participou na Academia de Direção do Festival de Música de Aspen, onde colaborou com Robert Spano. Regressou um ano depois como *Conducting Fellow* e recebeu o Prémio de Direção Aspen. Voltou ao festival em 2018, assumindo o cargo de maestro assistente, e em 2022, enquanto convidado para dirigir a Orquestra de Câmara de Aspen.

Nascido em Londres, em 1992, Kerem Hasan estudou piano e direção de orquestra no Conservatório Real da Escócia. Aperfeiçoou os seus conhecimentos de direção na Universidade de Artes de Zurique sob a orientação de Johannes Schlaefli.

Rui Lopes fagote

Considerado pelo *The New York Times* como um fagotista extremamente dotado, Rui Lopes estreou-se em 2015 no Carnegie Hall, em Nova Iorque. Embora tenha iniciado os estudos de fagote com 18 anos, o seu temperamento musical e virtuosismo foram rapidamente reconhecidos. Com dupla nacionalidade portuguesa e suíça, o músico estudou no Porto, Basileia e Munique, nas classes de Hugues Kesteman, Sergio Azzolini e Marco Postinghel. Foi laureado em vários concursos, entre os quais o Concurso de Interpretação do Estoril 2008, onde conquistou o 1.º prémio. Participou em diversos festivais, tais como os de Schleswig-Holstein, Festspiele Mecklenburg-Vorpommern, Martinů, Davos, Lucerna, Boswil, SoNoRo, Oficina de Música de Curitiba e Stellenbosch.

Apresentou-se como solista com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana, a Orquestra da Ópera Nacional Finlandesa, a Orquestra Sinfónica de Zurique, a Orquestra Sinfónica de Basileia, a Orquestra de Câmara Checa e a Orquestra de Câmara do Kremlin, entre outras. Tocou como primeiro fagote na Orquestra de Paris, na Camerata de Berna, na Orquestra de Câmara de Zurique e na Orquestra de Câmara de Basileia, trabalhando com músicos como Maurizio Pollini, Christoph Eschenbach, Bernard Haitink, Esa-Pekka Salonen e Pierre Boulez. Foi primeiro fagote solo da Ópera Nacional Finlandesa, fagote solista do Ensemble Nacional Espanhol de Música Contemporânea em Madrid e, posteriormente, professor de fagote e música de câmara na Universidade de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra e no Conservatório do Luxemburgo.

É membro dos grupos Camerata Variabile Basel, Trio Estoril, Mythen Ensemble e Portuguese Chamber Soloists, e apresenta-se regularmente com músicos como Konstantin Lifschitz, Patricia Kopatchinskaja, Teodoro Anzellotti, Nabil Shehata, Sebastian Manz, Ramón Ortega, Nicholas Daniel e Loïc Schneider. Leciona na Haute école des arts du Rhin (HEAR), em Estrasburgo.

Um apaixonado pela música contemporânea, Rui Lopes colabora com compositores como Sir Harrison Birtwistle, Dieter Ammann, Wynton Marsalis, Helena Winkelman e Marcello Nisinman, tendo estreado várias obras que lhe foram dedicadas. O seu CD a solo *Through Time*, onde toca como solista com a Orquestra de Câmara Inglesa, foi amplamente elogiado pela crítica. *Close Encounters*, o seu disco mais recente, foi lançado em colaboração com o Quarteto Gringolts e também recebido com grande entusiasmo pelos especialistas. Tanto a sua capacidade técnica como o virtuosismo e a expressão musical foram distinguidos com o prémio “Supersonic”.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Tünde Hadadi
Roumiana Badeva
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Emília Vanguelova
Alan Guimarães
Ianina Khmelik
José Despujols
Maxence Mouriès*
Raquel Santos*

Violino II

Nancy Frederick
Lilit Davtyan
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Catarina Martins
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Paul Almond

Viola

Mateusz Stasto
Rute Azevedo
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Jean-Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Alexandre Aguiar*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Michal Kiska
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Francisca Parente*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Nadia Choi

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Luís Alves*

Clarinete

Luís Silva
João Moreira

Fagote

Carolino Carreira*
Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Hugo Sousa
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo

Trombone

Dawid Seidenberg
Severo Martinez
Nuno Martins

Tímpanos

Jean-François Lézé

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Virgínia Esteves

Palco

José Vilela
Rui Brito
Victor Resende

Próximos concertos

11 SÁBADO 21:00 SALA SUGGIA

Marta Pereira Costa — Sem Palavras

promotor: Marta Nandim Carvalho

12 DOMINGO 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

Quem conta um conto acrescenta um som

serviço educativo | primeiros concertos

Digitópia conceção artística

12 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Kerem Hasan direção musical

Concerto comentado por Daniel Moreira

Ludwig van Beethoven Sinfonia n.º 6, “Pastoral”

15 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Orquestra Barroca Casa da Música

Andreas Staier direção musical

Obras de Henry Purcell, William Byrd e Johann Sebastian Bach

0.5%
DO SEU
IRS
POR UMA
BOA CASA

PORQUÊ APOIAR A FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA?

Com programas educativos, concertos inesquecíveis e projetos comunitários, a Fundação Casa da Música promove a cultura, a educação e enriquece as vidas de milhares de pessoas.

COMO FAZER

No quadro 11 da Declaração Modelo 3, seleccione “Instituições culturais com estatuto de utilidade pública” e inscreva o NIF 507 636 295.

Caso tenha IRS Automático, no momento da confirmação da declaração assinale a caixa que indica que pretende consignar 0,5% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo, sem qualquer custo para si e sem afetar o seu reembolso, permite-nos chegar mais longe.

NIF 507 636 295

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

